

POESIA E PROSA

APRESENTAÇÃO DE FRANCIS PONGE

Adalberto Müller Jr.

"Retrato do artista enquanto coisa"
(A frase é de Manoel de Barros, em Gramática Expositiva do Chão)

Escrita na época de efervescência do movimento surrealista (anos 20 a 40), a obra inicial do poeta francês Francis Ponge, nascido na Provença, passou quase despercebida para os leitores de sua época. Não foram poucas as razões para isso. Em meio ao turbilhão surrealista, à apologia da escrita automática e da linguagem freudiana, o olhar-para-as-coisas de Ponge era uma antítese desses movimentos, como também seria do existencialismo engajado, embora Sartre tenha sido um dos primeiros admiradores da obra de Ponge, de quem era amigo e colaborador. A definitiva apreciação da obra desse poeta só se daria a partir dos anos 60, não sem muitas ressalvas, como a de julgá-lo simplesmente um "poeta materialista".

Em que consiste esse olhar-para-as-coisas da poesia de Ponge? Em primeiro lugar, consiste numa "opção" pelas coisas, numa tomada de partido pelas coisas (seu livro fundamental se intitula justamente *Le parti pris des choses*, escrito em sua maior parte nos anos 20, mas publicado em 1942). Mas não basta apenas essa opção, esse partido: é preciso acercar-se, e, se possível, entrar dentro delas, e cercá-las com a máquina da linguagem, até se tornar a própria coisa que se descreve e se inscreve. João Cabral de Melo Neto, um de seus grandes admiradores, definiu com exatidão esse processo pongiano:

Francis Ponge, outro cirurgião,
adota uma outra técnica:
gira-as nos dedos, gira
ao redor das coisas que opera.

Apalpa-as com todos os dez
mil dedos da linguagem:
não tem bisturi reto
mas um que se ramificasse.

Com ele envolve tanto a coisa
que quase a enovela
e quase, a enovelando,
se perde, enovelado nela.

(João Cabral de M. Neto. "O sim contra o sim". Serial)

Assim como no mito adâmico, o poeta para Ponge busca ser uno com a realidade que o cerca, busca anular a dicotomia sujeito-objeto. Para isso, ao invés de partir do sujeito para compor o poema, parte do próprio objeto. E este pode ser qualquer coisa, por mais ínfima que seja: um caracol, uma laranja, um seixo, um ginasta fazendo posê, um restaurante que subitamente se esvazia, um escritório comercial em plena ebulição, etc. Com todas essas "quinqüilhariás" faz-se o poema, o objeto-poema, conforme podemos ver em um de seus "proemas"

O poeta não deve jamais propor um pensamento, mas um objeto, isto é, até mesmo um pensamento ele deve fazer com que tenha a forma de um objeto.
O poema é um objeto de fruição proposto ao homem, feito e posto especialmente para ele. Essa intenção não deve faltar ao poeta.

(Francis Ponge. Proêmes)

A escritura de Ponge, para atingir tal finalidade, revela-se de difícil intelecção imediata. Além de não usar uma pontuação lógica, ele carrega as frases com muitos advérbios e locuções adverbiais, e busca termos técnicos e raros para sua composição. Algumas vezes seus poemas se asse-

melham a "definições" enciclopédicas, mas logo extrapola os conceitos para fazer com eles poesia.

Em suma, ao mesmo tempo que busca atingir um novo olhar para o mundo, Ponge atinge uma nova linguagem, e faz uma poesia que nos surpreende logo nas primeiras palavras. Essa linguagem, por mais estranha que pareça, é uma tentativa de abertura para outros horizontes poéticos, e com ela Ponge mostra que a poesia é sempre possível, como podemos ver nesse fragmento de um outro poema, com o qual encerro esta pequena introdução:

Não vejo por que eu não começaria, arbitrariamente,
por mostrar que a propósito das coisas mais simples é
possível fazer discursos infinitos inteiramente com-
postos de declarações inéditas, enfim, que a propósito
de qualquer coisa não somente tudo não foi dito, mas
quase que tudo resta a dizer.